

O museu comunitário como processo continuado¹

*Hugues de Varine**

Resumo

Partindo da compreensão de que um museu “normal” tem por objetivo servir ao conhecimento e à cultura, e que um “museu comunitário” tem por objetivo servir à comunidade e ao seu desenvolvimento, o presente texto entende que entre 1965 e 1995 os países nórdicos e a América do Norte (incluindo o México) exploraram de modo aprofundado as relações do museu com a comunidade. No entanto, não se deve desconsiderar a criação e o desenvolvimento do Ecomuseu em Le Creusot Montceau, que teve, durante os anos setenta, a reputação de ser um novo tipo de museu, bem como o movimento de ecomuseus em Québec, a multiplicação de museus locais em Portugal e os programas de desenvolvimento comunitário no Brasil com fortes componentes no campo dos museus e do patrimônio cultural.

Palavras-chave: Museu. Desenvolvimento. Liberação. Ação Comunitária. Local. Hugues de Varine.

Um museu “normal” tem um objetivo oficial: servir ao conhecimento e à cultura. Um museu comunitário² tem outro objetivo: servir à comunidade e ao seu desenvolvimento.

Durante os últimos trinta anos, duas principais regiões têm explorado de modo aprofundado as relações do museu com a comunidade: os países nórdicos e a América do Norte (incluindo o México). No entanto, tenho me envolvido pessoalmente, desde o início e em variadas posições, com a criação e o desenvolvimento do Ecomuseu em Le Creusot Montceau, que teve, durante os anos setenta, a reputação de ser um novo tipo de museu. Mais recentemente, tive a sorte de poder observar, de fora, o movimento de ecomuseus em Québec, a multiplicação de museus locais em Portugal e, nestes últimos anos, os programas de desenvolvimento comunitário no Rio Grande do Sul (Brasil), que possui fortes componentes de patrimônio cultural e de museus comunitários.

Nesse meio tempo, tenho trabalhado profissionalmente em estratégias e métodos do assim chamado desenvolvimento local. Desenvolvimento local é um processo pelo qual um território detecta e utiliza todos os recursos disponíveis (naturais, humanos, culturais), por meio da mobilização das forças ativas da comunidade: oficiais eleitos e funcionários públicos, mão de obra, atores econômicos, grupos vocacionais etc. Esse processo implica planejamento técnico, insumos de fontes externas e recursos, integração em sistemas e economias regionais, nacionais e mesmo internacionais, mas precisa ser controlado localmente.

O desenvolvimento e o museu

O desenvolvimento local possui uma dimensão cultural muito forte: para ser bem sucedido, qualquer processo de desenvolvimento precisa produzir mudanças positivas, estando ao mesmo tempo ligado às raízes culturais e psicológicas da comunidade. Ele precisa se deslocar de baixo para cima, ainda que alguns fatores de cima para baixo sejam úteis. Mas a comunidade geralmente não está pronta para isso, principalmente porque os sistemas existentes de

educação pública, previdência social, democracia representativa e poder de decisão política não proporcionam a informação necessária e não favorecem a participação popular.

Além disso, problemas modernos de desenvolvimento, quer econômico, quer financeiro ou social são tão complexos que é mais fácil delegar a técnicos competentes a responsabilidade final pela decisão **no interesse do**³ povo.

A minha experiência é de que o desenvolvimento local, em seu verdadeiro sentido, não acontece se a população não estiver estreitamente associada com o processo de tomada de decisões, com a identificação e a administração dos recursos locais, com a mobilização de todos os ativos do território, sendo que o primeiro e principal destes se encontra dentro da própria comunidade.

É nesse ponto que entra o museu. No assunto do desenvolvimento, necessitamos de ferramentas culturais específicas para mobilizar a comunidade, para revelar os recursos, para ilustrar os objetivos, para demonstrar estratégias e procedimentos de desenvolvimento etc. Isso nem sempre pode ser feito por meio da mídia ou de discursos públicos; precisa ser comunicado através da linguagem da “coisa real”, por experiência direta.

Mas um museu comum não pode fazer isso, simplesmente organizando a pesquisa, a exposição e a educação, como declara a definição do International Council of Museums. (Icom). Temos que inventar um museu novo, ou, mais corretamente, usar técnicas museais já anteriormente imaginadas em países com forte consciência comunitária. É por isso que, em 1971, quando fui convidado a participar da criação de um museu como ferramenta de desenvolvimento em Le Creusot, e mais tarde em toda a “Communauté Urbaine”, utilizei como referência e modelo três experiências que eu havia tido a sorte de conhecer durante minhas missões no Icom, no final dos anos 1960: os museus a céu aberto na Escandinávia, os museus de bairro nos Estados Unidos e os museus locais e escolares no México. Minha intuição se confirmou no ano seguinte (1972) durante o Seminário de Santiago, que foi para mim, e ainda é, a referência-padrão do museu como ferramenta de desenvolvimento⁴.

Desde então, tenho observado e estudado de perto uma série de projetos similares, sendo, para mim, o mais significativo o Ecomuseu do Seixal, em Portugal. Essa pequena cidade de 60.000 habitantes, localizada na margem sul do rio Tejo, em frente a Lisboa, era conhecida por diversas atividades econômicas, algumas delas desde a Idade Média: construção naval, navegação fluvial de carga e de passageiros, secagem de bacalhau, moinhos de maré de farinha e de azeite e, mais recentemente, usinas de aço. Atualmente, com o colapso da maior parte da economia tradicional, Seixal se transformaria numa “cidade-dormitório”, se nada fosse feito para reavivar a comunidade, reconstruir sua imagem e encontrar novas atividades baseadas em recursos locais, incluindo o patrimônio natural e cultural. O prefeito então solicitou a um jovem professor de história que organizasse um museu local, como instrumento cultural e educacional para acompanhamento dessa estratégia de desenvolvimento. A iniciativa foi tão bem sucedida que o Museu do Seixal se tornou um exemplo para outros municípios portugueses: Alcochete utilizou seu museu para reanimar a indústria salineira local, Cartaxo fez de seu Museu do Vinho⁵ o centro de operações da União dos Vitivinicultores, dedicado à modernização e promoção dessa atividade tradicional etc.

Nesses casos, como em Le Creusot, as atividades do museu, particularmente a pesquisa e a apresentação, são articuladas ao desenvolvimento, em cooperação com os demais instrumentos econômicos, sociais, educacionais e culturais. Estamos aqui muito distantes dos museus tradicionais, nos quais o verdadeiro objetivo da instituição e de seus profissionais é coletar, estudar e apresentar, em benefício da beleza, da ciência, da cultura, no sentido acadêmico. O museu de comunidade é um parceiro para o desenvolvimento, um mediador de mão dupla entre os atores do desenvolvimento e a comunidade.

O museu como um processo

Como o próprio desenvolvimento, o museu de comunidade é mais bem descrito como um processo. Ele certamente não é uma

instituição ou uma estrutura acabada. É um ser vivo, como a própria comunidade, em constante movimento para se adaptar às mudanças que acontecem nela e em seu ambiente, seja ele regional, nacional ou global.

É por isso que ele não pode ser trancado num edifício, restrito a uma coleção e uma exposição ou administrado por profissionais competentes sem conexão ou comunicação com a comunidade. É também por isso que esse museu não pode ser concebido como uma arapuca para turistas ou como um monumento a ser inaugurado pelo político local às vésperas da eleição.

Como processo, o museu deve ser construído, mês a mês, ano a ano, pelo povo, naturalmente com o auxílio de profissionais: isso é o que Maude Céré, em Montréal (Québec), chama de “*muséologie populaire*”, museologia popular, que ela ensina a líderes e ativistas comunitários. Não é nem mesmo necessário chamá-lo de “museu”: se todo o território for envolvido, se todo o patrimônio da comunidade for levado em consideração, se as exposições forem apenas uma das técnicas utilizadas para a comunicação entre as pessoas (há muitos outros métodos, incluindo trilhas de observação, centros de interpretação, centros de recursos ou documentação, produções de audiovisuais e multimídia, programas escolares, oficinas temáticas etc.).

É quando esse processo cessa que o museu se torna uma instituição. Então, ele provavelmente se dissociará da comunidade e deixará de servir como ferramenta para o desenvolvimento, porque ele logo se tornará antiquado, obsoleto.

O processo museal não precisa ser tecnicamente sofisticado e caro. Ele se adapta bem a comunidades relativamente pobres, porque conta com recursos locais e essencialmente com a energia humana. Estou atualmente estudando vários projetos fascinantes no sul do Brasil (no Estado do Rio Grande do Sul). Um deles, numa área rural a 400 km da capital do estado, Porto Alegre, mobiliza toda a população de oito municípios diferentes, numa área chamada “Quarta Colônia”, isto é, a quarta colônia italiana instalada no final do século passado⁶ a convite do último Imperador do Brasil, Dom Pedro II. Tudo começou há

quatro anos, com a sugestão de um jovem funcionário público do município de Silveira Martins, de que se organizasse um grupo de pesquisa para localizar os túmulos dos primeiros colonos. A partir disso, iniciou-se um programa de patrimônio cultural, principalmente por meio de atividades escolares, e mais tarde um plano de desenvolvimento abrangente que incluiu a identificação e a avaliação de todos os recursos disponíveis para a criação de atividades economicamente e socialmente significativas: restauração de edifícios antigos, recuperação do uso do tradicional dialeto “Veneto” herdado dos colonos italianos do século XIX; implementação de vários projetos para atrair turistas; tentativas de exploração da “Mata Atlântica” que circunda a terra cultivada; e, finalmente, um estudo do uso do produto agrícola tradicional, a batata, para produção de “chips”.

A cada ano, um evento comunitário sintetiza o trabalho realizado por meio de seminários, exposições, festivais, de modo a rever os planos e programas e lançar novas iniciativas e novos projetos. O resultado não é um museu no sentido comum da palavra, mas certamente é um conceito museológico, articulado a um esforço global de desenvolvimento. Obviamente, considerando o sucesso dos eventos dos quais pude participar e a efetiva participação dos membros da comunidade, os objetivos foram alcançados, sem grandes orçamentos e essencialmente graças aos esforços cooperativos dos próprios cidadãos.

O perigo da lacuna entre gerações

Em Silveira Martins, o projeto tem apenas quatro anos. O que acontecerá dentro de 20 anos, quando o patrocinador local talvez tenha deixado a região; quando muitas eleições terão sido realizadas, levando ao poder diferentes prefeitos com diferentes opiniões políticas; quando a situação econômica de toda a região terá mudado para melhor ou pior? Esse é um problema recorrente para todos os atores do desenvolvimento: se o processo deve ser continuado, como mantê-lo vivo com diferentes atores?

Uma coisa que temos experimentado em Le Creusot é o fato de que o museu comunitário, como organismo vivo, precisa viver ao longo do mesmo ciclo que a população que lhe dá suporte. Ele é criado por uma determinada geração; no nosso caso, nos anos 1970, por pessoas de uma faixa etária entre 35 e 55 anos, a maior parte delas ativas na área da produção e no cenário social (trabalhadores, engenheiros, professores, pais etc.). Eles construíram um museu de acordo com os suas ideias, suas necessidades, seus objetivos, mas também suas memórias, seus preconceitos e o gosto da época. Eles usaram sua linguagem, as imagens que eram comuns na época.

Nos anos 1970, a *Communauté Urbaine* era muito próspera, havia bastante trabalho, o futuro parecia relativamente seguro. Os tempos do controle paternalista da família Schneider estavam presentes na memória de todos e a luta de classes era uma realidade cotidiana. As pessoas lembravam, por exemplo, da grande greve de 1899-1900, ao fim da qual quase toda a força de trabalho (8.000 pessoas) foi demitida, como medida retaliatória e disciplinadora.

Vinte anos mais tarde, depois de uma dupla crise, a quebra das principais companhias industriais e mineradoras locais e a infeliz aposentadoria do primeiro diretor do museu, esses “pais fundadores” estavam aposentados, ou de qualquer modo não eram mais atores ativos da cena local. As necessidades locais de desenvolvimento haviam mudado: ao invés de explorar atividades e habilidades tradicionais, o problema era reconstruir uma economia gravemente abalada, lutar contra o desemprego, uma crise moral entre os jovens, resignação ou atitudes fatalistas entre os velhos. E a geração ativa não estava mais tão interessada em reviver memórias de um passado que havia falhado em satisfazer as necessidades do povo. Até mesmo a época paternalista parecia, de algum modo, uma era dourada. Perto dali, em Blanzay, o “Museu das Minas e do Homem”, também criado nos anos 1970 como um fruto do Ecomuseu por um grupo de mineiros e empregados da Companhia Mineradora, então em torno dos cinquenta anos, acha difícil substituir esses líderes idosos, agora há muito aposentados. A mina está fechada, os jovens buscam outros empregos, as autoridades locais empenham-se em

atrair novos negócios e promover a capacitação vocacional o mais longe possível das atividades tradicionais; é cada vez mais difícil encontrar velhos mineiros para guiar grupos escolares ou turísticos nas dependências do museu.

Assim, os museus da *Communauté Urbaine* tendem a se tornar monumentos e sítios atrativos para turistas em trânsito entre a cidade romana de Autun e o famoso Mosteiro de Cluny, ou viajando em barcos-casa no *Canal du Centre*. Temos agora que reinventar uma estratégia para o Ecomuseu, levando em consideração o turismo como ativo econômico para a região, mas abrindo novos campos de interesse para as atividades museais. Não é fácil, porque o próprio conselho do museu é composto, em sua maioria, por representantes da geração passada, ideologicamente apegados ao que eles próprios criaram há mais de 20 anos...

Desenvolvi essa história porque a considero relevante para o meu tema. Há somente duas possibilidades abertas para nós: ou esse museu comunitário não conseguirá sobreviver à sua geração fundadora (e então desaparecerá ou se tornará um museu institucional), ou terá que aceitar sua própria reciclagem a cada 20 ou 30 anos, de modo a permanecer relevante. Como estamos distantes dos elefantes brancos como os grandes museus nacionais ou regionais de nossos países! E quão distantes também das confortáveis certezas de estudiosos e academias!

Por uma museologia da libertação

Na maioria dos casos, em minha experiência, a museologia comunitária preocupa-se em libertar as próprias pessoas da alienação cultural, ou liberar sua capacidade de imaginação ou iniciativa, ou liberar a consciência dos seus direitos de propriedade sobre seu patrimônio, tanto material quanto imaterial.

Isso foi o que aconteceu em Le Creusot e nas comunidades circunvizinhas nos anos 1970: toda a zona havia sido sujeita, há mais de um século, a um controle forte e paternalista que cobria todos os setores da vida profissional, social e privada. Um dos problemas era

ajudar às pessoas a se tornarem cidadãos livres e a reconhecerem o seu direito a um patrimônio industrial e cultural próprio. Outro problema era tornar as pessoas participantes ativos do processo de criação da assim chamada “Comunidade Urbana”, um distrito administrativo de 16 municipalidades decidido pelos governantes locais, sem nenhuma consulta prévia da população e contra todas as tradições históricas estabelecidas. Isso nós conseguimos, mas o diretor e o conselho do museu não previram as crises econômicas e industriais de meados dos anos oitenta, e não foram capazes de agir de acordo. Hoje, estamos lutando contra o desemprego das pessoas jovens e tentando encontrar ideias e projetos de forma a desempenhar um papel no esforço comum de oferecer capacitação, oportunidades de emprego e suporte cultural.

Mais dramático é o apelo que recebi há dois anos de um velho amigo da Índia: um professor aposentado de museologia da Universidade de Baroda, Professor Bedekar, disse-me que um estudo recente feito pelo *Anthropological Survey of India* mostrou que há mais de 4.000 diferentes comunidades culturais, linguísticas e étnicas no país e que somente poucas delas são reconhecidas como tais. O problema, no seu entendimento, seria ajudar as mais oprimidas dessas comunidades a se libertarem culturalmente de forma a poderem moldar o seu desenvolvimento e o seu futuro de acordo com suas culturas e seu patrimônio. Meu amigo esperava que a “nova museologia” fosse uma ferramenta para essa libertação e pedia contatos ao redor do mundo com colegas trabalhando nesse campo.

Isso me estimulou a começar a organizar uma rede mundial, ou fórum, de pessoas envolvidas na pesquisa e experimentação com o patrimônio cultural, os museus e o desenvolvimento. Os países escandinavos, eu espero, vão desempenhar um papel de liderança nesse projeto que pode algum dia encontrar respostas para as questões postas por nosso amigo de Baroda⁷. Uma formação nova de cooperação internacional poderia nos levar a definir melhor o novo papel dos museus comunitários como parceiros do “desenvolvimento sustentável”, através da verdadeira libertação

da criatividade das próprias pessoas, reconhecidas como sujeitos e atores de seu próprio futuro.

Notas

1 Este texto foi publicado em 1995, num volume de coletânea dedicado a Erik Hofrén, por ocasião de sua aposentadoria. Estas linhas são um símbolo de admiração e gratidão a todos os profissionais de museus suecos que têm atuado durante os últimos trinta anos na busca de novos modos e meios para melhor servir ao seu povo e às suas comunidades e, entre eles, a Erik Hofrén, um mestre em seu ofício. Quero também celebrar aqui o trigésimo aniversário do célebre documento MUS'65, que inspirou tantas de nossas reflexões no ICOM nos anos 1969-1972.

*Consultor internacional nas áreas de museologia e desenvolvimento social. Formação em História e Arqueologia pela Universidade de Paris. Diretor Geral do Conselho Internacional de Museus (ICOM), no período de 1965 a 1974; um dos fundadores do Ecomuseu da Comunidade Le Creusot-Montceau (França); encarregado, no período de 1977 a 1982, pelo Ministério da Cultura da França de missões culturais em diversos países. Autor de livros e artigos e publicados em diversos países, entre os quais se destacam: *La Culture des Autres* (1973), *O Tempo Social* (1987) e *Raízes do Futuro – Les Racines Du Futur* (2005). Suas reflexões e suas ações têm inspirado processos museais em diferentes comunidades de diferentes países.

2 Não usarei aqui a palavra “ecomuseu”, que, possuindo tantos significados diferentes, torna-se realmente enganosa. É verdade afirmarmos que alguns ecomuseus são verdadeiros museus comunitários (como Le Creusot-Montceau, na França, Seixal, em Portugal, Bergslagen, na Suécia, Santa Cruz, no Brasil). Mas há muitos museus de comunidade que não são denominados ecomuseus ou mesmo museus (como o Parque Cultural del Maestrazgo, na Espanha, ou a Casa Schmidt-Presser, em Novo Hamburgo, Brasil). Podemos incluir na categoria dos museus de comunidade muitos museus a céu aberto de base comunitária na Escandinávia, museus locais ou escolares no México etc.

3 Nota da Tradutora (N.T.): grifo do autor.

4 O Seminário de Santiago foi sucedido, vinte anos depois, pelo Seminário de Caracas (1992), que atualizou o conceito de “museu integral”. Nesse meio tempo, diversas outras “declarações” foram publicadas pelo Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), como resultado de uma série de oficinas internacionais, particularmente em Québec e Oaxaca.

5 N. T.: Trata-se do Museu Rural e do Vinho do Concelho do Cartaxo, inaugurado em 23 de Novembro de 1985; segundo o Roteiro do Museu Rural e do Vinho do Concelho do Cartaxo produzido em 2005 pela Câmara Municipal do Cartaxo, foi “o primeiro museu em Portugal dedicado ao vinho, e também ao homem, ao touro e ao cavalo”.

6 N. T.: como o texto é de 1995, o autor refere-se ao final do século XIX.

7 N. T.: Não foi possível obter, até o momento, maiores informações a respeito da rede mundial citada pelo autor, e, menos ainda, sobre o esperado papel de destaque e liderança dos países escandinavos, por mais que as suas experiências de museus a céu aberto sejam inspiradoras para as práticas e reflexões no Brasil e no mundo.

Recebido em 1º de abril de 2014.

Aprovado em 30 de abril de 2014.

Abstract

Based on the comprehension that a “normal” museum’s objective is to serve knowledge and culture and that a “community museum” has as its objective to serve the community and its development, the present text understands that between 1965 and 1995 the Nordic countries and North America (including Mexico) explored in depth the relations of the museum with the community. Nevertheless, it is important to take into consideration the creation and development of the Ecomuseum in Le Creusot Montceau, which had, during the seventies, a reputation as a new type of museum, as well as the ecomuseum movement in Québec, the multiplication of local museums in Portugal and the community development programs in Brazil, with strong components in the fields of museums and cultural heritage.

Keywords: Museum. Development. Liberation. Communitarian action. Local.